

GALERIA DE HISTÓRIA NATURAL¹

A formação do Museu de História Natural remonta ao ano de 1772, com a reforma do ensino na Universidade, feita pelo Marquês de Pombal. Esta reforma tentava fazer com que o ensino em Portugal se aproximasse mais da realidade europeia e queria torná-lo mais prático.

Para isso trouxe para Portugal um professor de Pádua, Domingos Vandelli (1º Director do Gabinete de História Natural, Laboratório Chimico e Jardim Botânico). Este iniciou a criação do Museu de História Natural para complementar o ensino na Faculdade de Filosofia. Nas colecções iniciais do museu contava-se com uma colecção trazida de Pádua por Vandelli (comprada pela Universidade), outra que ele reuniu enquanto esteve em Lisboa. Em 1774 Joseph Rollen Van Deck deixou em legado uma colecção de história natural, e ainda algumas aquarelas.

Sala Vandelli

Recriação do Gabinete de Domingos Vandelli

Nas primeiras salas do Museu estavam expostas as colecções fundadoras, coligidas por Domingos Vandelli (1730 -1816) e Rollem Van-Deck no séc. XVIIIⁱ. Eram espécimes dos reinos Mineral, Vegetal e Animal, e estavam organizados segundo a classificação de Lineu.

A atual exposição recria o Gabinete de Domingos Vandelli. Contém amostras dos exemplares do seu gabinete privado de 1757-1763, enviado de Pádua, e a colecção reunida na Ajuda entre 1768 e 1772.

As duas vitrinas iniciais mostram objetos da natureza que eram comuns nos gabinetes de curiosidades dos séculos anteriores.

Em 1776, Domingos Vandelli publica em Coimbra: a breve dissertação teratológica, *Dissertatio de monstis*, baseada em vários exemplares existentes nas colecções de história natural. Por isso, podemos considera-lo, um pioneiro na temática em Portugal.ⁱⁱ

Maison E. Verreaux

Em grande parte dos armários superiores podemos observar uma importante colecção de mamíferos exóticos comprada, 1872, à Maison Verreaux, que veio enriquecer em muito a colecção de mamíferos do Museu. A Maison Verreaux foi fundada por Pierre Jacques Verreaux, em 1803, em Paris. Tornou-se, mais tarde, mundialmente famosa pela comercialização de espécimes de História Natural, com um catálogo de milhares de aves, ninhos e ovos, mamíferos, anfíbios, répteis, conchas e insectos. Eram seus clientes museus e colecionadores particulares, que eram inúmeros nesta época.

¹ Texto de Ana Cristina Rufino

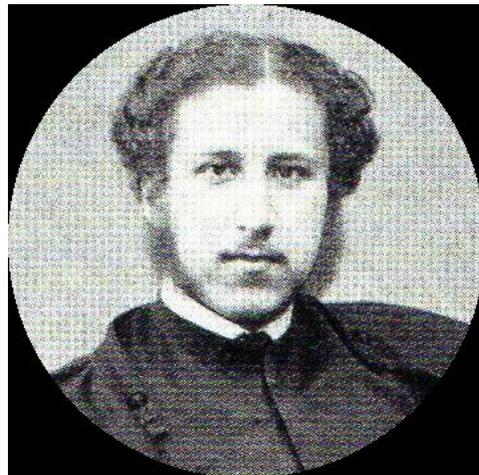


ⁱⁱⁱ https://en.wikipedia.org/wiki/Jules_Verreaux

António Augusto Carvalho Monteiro podemos observar, nesta sala, 2 armários imponentes com as suas iniciais. Estes contêm parte da coleção de borboletas exóticas deste excêntrico milionário.



fotografado em Coimbra (c. 1871)^{iv}



António Augusto Carvalho Monteiro no Luso (1870), equipado para uma das suas expedições entomológicas, e

Sala das Viagens | Sala dos Esqueletos

Viagens

Vitrina 1 | As viagens filosóficas portuguesas no séc. XVIII

No espírito iluminista a Coroa portuguesa organizou viagens filosóficas de reconhecimento de vastos territórios ocupados na América, África e Ásia. Estas viagens de carácter científico, incluíam para além da demarcação geográfica, o estudo e recolha de exemplares da fauna, flora e recursos minerais.^v

Através das viagens, lideradas por naturalistas e riscadores, eram recolhidos, preparados, desenhados e remetidos milhares de espécimes para Lisboa. Em 1806, o Museu da Universidade recebeu da Ajuda uma remessa de 2.000 exemplares que ilustravam, na sua maioria, a épica viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira na Amazónia brasileira.

A imagem, do fim do séc. XIX, testemunha o mobiliário que difere no seu acabamento e mostra os panos de porta bordados com o escudo real.

Vitrina 2 | Moçambique | Cabo Verde

A Viagem de João da Silva Feijó a Cabo Verde

Feijó partiu em 1783, para Cabo Verde, sem assistentes, com a incumbência de proceder à identificação dos recursos naturais e à avaliação do potencial para efeitos de exploração económica do arquipélago.

Os primeiros tempos do naturalista foram passados a percorrer as várias ilhas. Em 1786, regressou à Ilha do Fogo, após a erupção vulcânica, onde se demorou cerca de um ano dedicando-se ao trabalho de descrição física, identificação e recolha de materiais. A partir de 1789, estabeleceu-se em Santiago, mantendo visitas regulares às outras ilhas, com o envio de remessas para Lisboa.

Os cerca de 13 anos que permaneceu em território cabo-verdiano foram marcados pelo sobressalto e pela instabilidade. Revelam-no as quezílias constantes com as autoridades locais, cujo poder sentiam ameaçado pela presença do enviado do governo central, e as suas queixas pelas dificuldades em assegurar a subsistência da família em Lisboa.

Além do trabalho de naturalista que desenvolveu, Feijó fez levantamentos de carácter antropológico e económico.

Beyond the naturalist work, Feijó did anthropological and economic surveys.

1 Mapa estatístico das produções da Ilha do Fogo. Statistical map of the productions of Fogo Island

“Itinerário Filosófico que contém a rellação das Ilhas de Cabo Verde disposto pelo methodo epistolar [manuscrito] dirigidas ao Ill. Ex^o Senhor Martinho de Mello e Castro pelo Naturalista Régio das mesmas Ilhas João da Silva Feijó”. 1783

BNP. Reservados, Códice 12847

O herbário de Feijó incluía cerca de 213 espécies, 80 amostras de plantas de géneros ou espécies novas e ainda plantas cultivadas. Um trabalho pioneiro para o conhecimento da flora de Cabo Verde.

Feijó fez o levantamento dos terrenos e habitantes da Ilha. O algodão foi um dos primeiros produtos cultivados, usado com sucesso na produção de artesanato textil, panos da terra.

Moçambique e Goa

A Viagem de Manuel Galvão da Silva a Goa e Moçambique

Rumou a Moçambique em 1783, juntamente com o desenhador António Gomes e o jardineiro José da Costa. Antes de aportar ao seu destino, deteve-se cerca de dois meses em Goa, procedendo à observação e recolha da fauna, flora e minerais na região tendo elaborado um herbário.

Em Moçambique, desvalido da ajuda dos seus assistentes e sobrecarregado com obrigações de Secretário do Governador, não deixou de cumprir o seu trabalho enquanto naturalista. Adaptando-se às circunstâncias e aos recursos disponíveis, Manuel Galvão concentrou-se na colecta e na observação dos recursos minerais existentes na região.

Entre as viagens empreendidas no território destacam-se as expedições a Rios de Sena no vale do Rio Zambeze, onde avançou para o interior do território e explorou a região do Tete-Cabrabaca Maxinga-Chicorongó, até Manica, das quais fez o relato circunstanciado nos seus Diários.

“Eu não tenho encontrado mina tão boa; e é isto tão verdade que os Macuas o modo de que se servem dela é este: para fazerem as suas zagaías, e outros instrumentos, tomam um pedaço de mina põem ao fogo, e vão batendo, de sorte que as partículas terrestres saem em faíscas e fica-lhe o ferro todo puro, sem outro trabalho. (...)”

Vitrina 3 - Angola

“Cheguei a Quilengues em meio de Setembro do ano de 1785, com 22 dias de viagem. E por este sítio nos demorámos até Novembro, tive tempo de notar perguntar e saber muitas coisas pertencentes à religião, governo, costumes e ritos destes bárbaros. ...”

O treino dos naturalistas durante a viagem implicava o estudo dos espécimes atlânticos capturados.

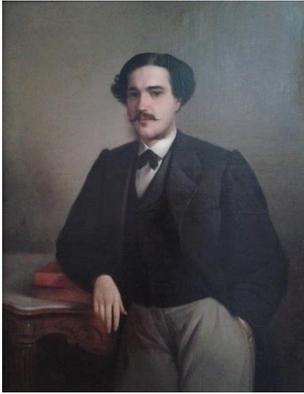
Vitrinas 4, 5 e 6 – Brasil

A viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira

Fazem parte do acervo do Museu da Ciência 68 espécimes de peixes em herbário, que terão sido enviados nas remessas do Real Museu da Ajuda para a Universidade de Coimbra em 1806.

Colecção Luiz de Carvalho

Luiz António Alves de Carvalho Júnior era primo do filantropo António Augusto de Carvalho Monteiro. Em 1898, legou à Universidade de Coimbra a sua colecção ornitológica e entomológica, a sua colecção de sementes, madeiras e conchas, "os objetos em álcool e mais curiosidades naturais".^{vi}



Retrato de Luís Antônio Alves de Carvalho. A. da Motta 1863

Jequitiranabóia | *Fulgora laternaria* (Linnaeus, 1758)

Jequitiranabóia (cabeça-de-amendoim) é um percevejo originário da América do Sul, que possui uma cabeça com olhos falsos assemelhando-se a um réptil. Possui, ainda, outros dois falsos olhos nas asas posteriores. Vive rodeado de predadores, por isso, todas as formas de defesa são importantes para a sua sobrevivência. Existe um mito que envolve este insecto, dizem que se alguém for mordido, deverá, em menos de 24 horas, ter relações sexuais, a fim de evitar a morte. Na verdade, este percevejo, com cabeça em forma de amendoim, não morde, a sua armadura bucal é em forma de palhinha, própria para sugar a seiva das plantas, das quais se alimenta. Dois exemplares | América tropical

MCUC, ZOO.0003692



Foto: Gilberto Pereira, 2016

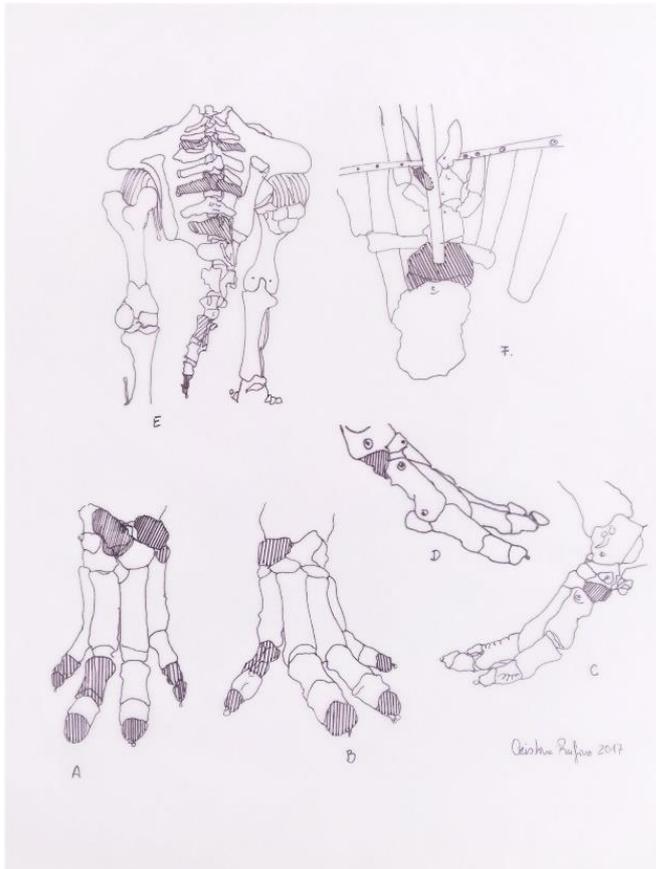
Esqueletos

Na passagem para o séc. XX esta área ficou adstrita apenas à zoologia. O seu conteúdo e o mobiliário foram alterados para albergar a coleção de anatomia comparada que surgiram na sequência da chegada da ideia de evolução de Darwin. Podemos encontrar aqui vários esqueletos de vertebrados desde peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos.

***Hippopotamus amphibius* Linnaeus, 1758**

Espécie de mamífero semiaquático, que permanece na água (lagos ou rios) durante o dia, saindo à noite para se alimentar (Mason, 2013). É herbívoro, preferindo as pastagens que rodeiam o seu território aquático (Lewison & Oliver, 2008). São animais polígamos, sociais e gregários, vivendo em grupos de cerca de 30 indivíduos liderados por um macho (Lewison 2007; Lewison & Oliver, 2008). Estatuto de conservação – VU e está Listado no Apêndice II da CITES

Este espécime, originário de Angola, foi oferecido por Francisco Xavier Cabral de Oliveira Moncada (1859-1908) a Bernardino Machado (1851-1944), antigo professor de Antropologia nesta Universidade e 3º e 8º Presidente da República de Portugal, que, por sua vez, o doou ao Museu em 1902, sendo nesta altura, Bernardo Ayres(1868-1931) o diretor da seção de Zoologia.



Este esqueleto de hipopótamo é muito peculiar pois inclui ossos esculpidos em madeira, e foi montado “in loco” por dois artifices portugueses, em que um recorreu a ferragens e o outro completou o esqueleto com réplicas esculpidas em madeira de laranjeira. Consegue encontrá-los?

- A - Membro anterior direito (10 ossos)
- B - Membro anterior esquerdo (6 ossos)
- C - Membro posterior esquerdo (1 osso)
- D - Membro posterior direito (1 osso)
- E - Coluna vertebral (6 vértebras)
- F - Esterno e costelas (2 ossos)

Sala do Mar

Na Sala do Mar podemos ver exemplares da segunda maior colecção de que existe no Museu, a colecção das conchas. Esta colecção histórica, é constituída por importantes doações: Colecção Carvalho Monteiro (Monteiro dos Milhões), Augusto Nobre (Professor da Universidade do Porto), Goltz de Carvalho (Professor do ensino primário, em Buarcos), D. Pedro V (1837-1861) e uma colecção comprada Jacinto Mengo (1808-1866), chefe de repartição da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros.

Biodiversidade marinha

A dimensão marítima de Portugal e ilhas, 40 vezes maior do que a terrestre, representa uma vasta biodiversidade e riqueza genética assim como recursos geológicos e minerais.

Esta exposição apresenta grupos de espécies marinhas e o seu estatuto de conservação.^{vii}

Núcleo das Amêijoas-gigantes | *Tridacna gigas* (Linnaeus, 1758)

Estas amêijoas-gigantes são os maiores bivalves, que existem na actualidade. As suas conchas podem atingir 1,5m de comprimento e o seu peso médio é de 200Kg. Vivem em recifes de coral, na região oceânica Indo-Pacífica tropical. Estão listadas como Vulneráveis (VU), no IUCN, pois são recolhidas intensivamente para serem usadas na alimentação, aquacultura e aquariorfilia. Verifica-se, actualmente, um decréscimo acentuado desta espécie no seu habitat natural.

Cone geográfico | *Conus geographus* Linnaeus, 1758

É um molusco marinho, nativo dos recifes de coral do Indo-Pacífico. É nocturno, altura que caça as suas presas (peixes), utilizando veneno injectado por um arpão. O seu veneno é tão potente, que já foi responsável por algumas mortes de seres humanos. Apesar disso, cientistas descobriram que algumas proteínas do seu veneno, quando isoladas, podem ser utilizadas como analgésicos mais potentes que a morfina, mas sem os efeitos secundários. Colecção

Geral | Índia | Sala do Mar

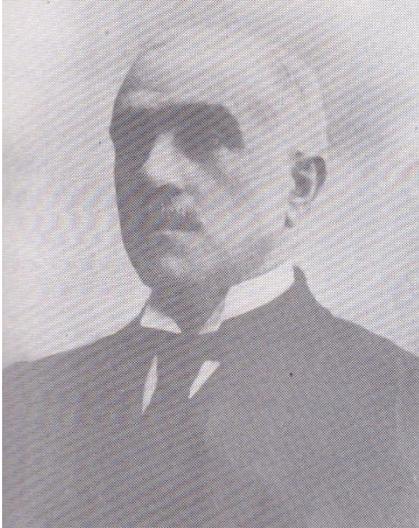
MCUC, ZOO.0005550



Foto: Gilberto Pereira, 2016

Augusto Pereira Nobre (1865-1946)

Estudou Zoologia e Botânica na Universidade de Coimbra. Foi professor na Universidade do Porto mas, continuou sempre a colaborar com o museu de Coimbra. Publicou vários trabalhos científicos sobre o estudo do litoral português, tendo classificado diversas espécies de invertebrados. Alguns exemplares de conchas oferecidas por ele fazem parte do espólio do museu. Podem ser observados alguns exemplares na Sala do Mar, na Galeria de História Natural.



viii

Tubarões e raias

Os tubarões são peixes com esqueleto cartilágneo tal como as raias. Possuem:

- Fendas branquiais, sem opérculo
- Pele coberta por denticulos dérmicos
- Dentes em constante substituição, ancorados na gengiva
- Olfato muito apurado, alguns detetam sangue em água salgada numa parte por milhão

Estes tubarões foram capturados na costa portuguesa no final do séc. XIX.^{ix}

Tubarão-demónio | *Mitsukurina owstoni* Jordan, 1898

Registada pela primeira vez em Portugal, por D. Carlos de Bragança, pensando ser uma nova espécie para a ciência, classificou-a como, *Odontaspis nasutus* Bragança, 1904. Mais tarde, foi classificado como, *Mitsukura nasuta* (Bragança, 1904) e neste momento a classificação válida é *Mitsukurina owstoni* Jordan, 1898^x. Este exemplar é um macho com um comprimento total de 119 cm, Buarcos, Maio de 1904 | oferta de Augusto Goltz de Carvalho

MCUC, ZOO.0004951



Foto: Gilberto Pereira, 2016

D. Carlos de Bragança (1863-1908)

O Rei D. Carlos I (1889-1908) dedicou-se à Oceanografia e à Ornitologia. Foi um Pioneiro da Oceanografia em Portugal tendo realizado doze Campanhas Oceanográficas (1896-1907) com os “Yacht Amélia” (I, II, III e IV). Estudou a fauna marinha, as correntes e a topografia dos fundos marítimos, auxiliado pelo cientista Albert Girard. O seu acervo científico encontra-se preservado no Aquário Vasco da Gama. No entanto, ofereceu vários exemplares ao museu, que podem ser observados na Sala do Mar.^{xi}



Tubarões ameaçados

Tubarão-anequim, Tubarão-azul, Tubarão martelo, ocupam o topo da cadeia alimentar e são vítimas de sobrepesca pelo valor comercial da barbatana dorsal.

Um barco de pesca no Atlântico captura num dia mais de 100 tubarões pois não há limites impostos. A regra é apenas permitir o desembarque de tubarões inteiros para impedir o corte da barbatana e a devolução do corpo ao mar.

Os cientistas propõem a introdução de quotas de pesca do tubarão. O desaparecimento dos superpredadores podia levar ao colapso do ecossistema marinho.^{xiii}

O canhão submarino da Nazaré

Um dos maiores canhões submarinos do mundo corta a plataforma da Nazaré a 300 m do litoral. A garganta prolonga-se por 200 km de desfiladeiro até à planície abissal Ibérica, a 5000 m de profundidade.

O canhão conduz à formação de ondas gigantes tornadas famosas por Garrett Macnamara ao bater o record de surf numa onda de 40 m.^{xiv}

Augusto Goltz de Carvalho (1858 – 1913)

Natural de Buarcos foi um influente professor primário. Realizou obra importante em diversas áreas (teatro, arqueologia e história natural). Formou várias colecções doando-as a vários

museus, incluindo ao museu de Coimbra. Podemos ver vários destes exemplares de peixes e conchas, nesta sala.



Peixes ósseos

Possuem esqueleto ósseo e uma placa que protege as brânquias, o opérculo. É o grupo de vertebrados com o maior número de espécies.

Os peixes mais capturados na costa portuguesa

- Cavala
- Sardinha
- Carapau
- Atuns

São também elevadas as capturas de peixe-espada-preto, pescada, faneca, safio e verdinho. As espécies mais ameaçadas são os atuns e a pescada.

Tamanho mínimo de captura ^{xvi}

Ajude a manter a biodiversidade do Oceano

Portugal tem a taxa de consumo de peixe per capita mais elevada da Europa, 61 Kg/ano, mais do dobro da média europeia. É seguido pela Espanha, Finlândia e França. Esta é também uma das taxas mais elevadas do mundo.

Ajude-nos a preservar estas espécies:

- Não consuma peixe miúdo, conheça os tamanhos mínimos de captura
- Informe-se sobre espécies em perigo

- Prefira os peixes capturados na sua região^{xvii}

Tartaruga-verde | *Chelonia mydas* (Linnaeus, 1758)

As tartarugas são répteis e pertencem ao grupo dos Testudines (tartarugas e cágados). Esta espécie é marinha, mas escava um ninho na praia para colocar os ovos. A determinação do sexo destas tartarugas depende da temperatura. Ninhos com temperaturas inferiores a 28,5°C originam machos e superiores 30,3°C originam fêmeas.^{xviii}



Foto: ©José Meneses

Mamíferos marinhos

Incluem as focas, leões marinhos, baleias, golfinhos, manatins, lontras marinhas, morsas e o urso polar.

Os mamíferos marinhos evoluíram de ancestrais terrestres que voltaram para o oceano e mantêm as características dos mamíferos:

- Respiram ar na superfície
- Tem o corpo coberto de pelos (pelo menos numa fase da vida)
- A mãe amamenta as crias^{xix}

Aves marinhas e limícolas

As aves marinhas vivem em todos os ecossistemas marinhos, desde o litoral ao alto mar. Apesar da sua dependência do mar para a alimentação voltam a terra para a reprodução.^{xx}

Sala de África

Esta sala era uma das enfermarias do Hospital da Nossa Senhora da Conceição que ainda funcionou durante largos anos neste edifício. Em 1859 o Hospital deixou de funcionar aqui e entrou em obras, que duraram vários anos. Como sala de exposição do Museu foi inaugurada em 1883, notícia em destaque no Anuário da Universidade de Coimbra (1885). Inicialmente, aqui expostas em vitrinas, estavam as conchas da colecção Mengo, comprada aos seus familiares após a sua morte. Nos armários estavam em exibição os mamíferos e aves de Portugal. E a data altura também foram penduradas nas paredes várias raias da colecção de Peixes de Portugal.



Foto: Augusto Bobone?, 1883?

Neste momento podemos observar aqui vários exemplares representativos da fauna de África e uma exposição temporária “Ao encontro de África - A identidade de Moçambique através da sua biodiversidade”. Onde podemos encontrar vários objectos utilizados nas tarefas do dia-a-dia, fabricados com vários partes de animais ou plantas.



Indicador-grande | *Indicator indicator* (Sparrman, 1777)

O Indicador-grande é uma verdadeira ave rara. É das poucas que consegue digerir cera de abelha e é um dos poucos animais, em estado selvagem, que consegue comunicar com os seres humanos (colectores de mel) indicando-lhes a localização das colmeias. Exemplar masculino, Angola (Benguela), oferta do Tenente-Coronel Theodoro José da Cruz, 1907.

MCUC, ZOO.0003673

Foto: Gilberto Pereira, 2016



MCUC, ZOO.0005179, Foto: Gilberto Pereira, 2016

Lebre-saltadora | *Pedetes capensis* (Forster, 1778)

A lebre-saltadora que, na realidade, não é uma lebre (ordem Lagomorpha), mas sim, um roedor (ordem Rodentia). De aspecto semelhante a um canguru, pelo desenvolvimento das suas patas traseiras e, tal como ele, desloca-se aos saltos. É um animal nocturno e vive em grupos de 2 a 6 indivíduos. Ocorre em vários países do sul de África. Exemplar adulto | Moçambique | Comprado ao Jardim Zoológico de Lisboa | 1916

Grande núcleo dos Antílopes

Podemos ver ag

Cabritos (e bambis)

A designação “cabritos” refere-se a um grupo de pequenos antílopes pertencentes aos géneros *Cephalophus*, *Philantomba* e *Sylvicapra*. Têm em comum terem as pernas dianteiras mais curtas que as traseiras, conferindo-lhes um andar característico e uma forma corporal arqueada, pequenos chifres em ambos os sexos, uma organização social territorial e solitária e uma alimentação omnívora: alimentam-se de folhagem, frutos, sementes, insectos e pequenas aves ou roedores. Todas as espécies apresentam distribuição alargada e fácil adaptação à convivência com as populações humanas, excepto a cabra-do-mato-grande e o bambi-castanho. A forte pressão da caça, incluindo a caça furtiva, e a degradação dos seus habitats colocam estas duas espécies em risco de extinção.^{xxi}

Gazela-pintada ou imbabala

A gazela-pintada (*Tragelaphus scriptus*) é um antílope com uma vasta distribuição por quase toda a África sub-sahariana. No entanto, vários sub-grupos têm sido identificados com base em diferenças morfológicas, em particular dos padrões de cor da pelagem. Análises genéticas preliminares sugerem que o que actualmente se considera uma única espécie podem afinal ser duas: uma no noroeste e outra no sudeste.

Este antílope vive em grupos densos e em zonas de mata ou floresta aberta, desde o nível do mar até aos 4 mil metros. Prefere áreas com vegetação alta, que lhe proporciona camuflagem durante o dia. A única ameaça à sobrevivência da espécie é a seca, já que tem pouca tolerância para habitar regiões áridas ou semi-áridas.

A maior parte das populações de gazela-pintada ocorre dentro de áreas protegidas, mas é um animal que se adapta a viver em ambientes dominados pela presença humana. Por vezes invade campos agrícolas e consome as plantações, sendo considerada uma peste.^{xxii}

Chango

O chango (*Redunca arundinum*) é um antílope típico de biomas de miombo mata que se encontra em muitos países do sul de África. Vivem em média 10 anos, normalmente sozinhos ou aos pares, mas podem formar manadas de cerca de 20 indivíduos.

Durante o dia a sua cor parda ajuda-os a camuflarem-se na vegetação, permanecendo assim até ao pôr-do-sol, altura em que se alimentam. Os seus maiores predadores são leões, leopardos, hienas, chitas ou crocodilos. É também caçado pela carne e pelos troféus - as armações dos machos adultos.

Embora a população total de changos se mantenha em número elevado e estabilizado, grande parte vivendo em áreas protegidas, algumas populações são mais vulneráveis. Por exemplo, sendo um animal lento e de médio porte, é especialmente susceptível à caça. A sua preferência por áreas com abundância de água torna-o competidor directo das populações humanas, que também preferem essas áreas para agricultura, o que terá provavelmente conduzido à extinção do chango no Congo.^{xxiii}

Palanca-vermelha

A palanca vermelha (*Hippotragus equinus*), conhecida em Moçambique como matagaíça, é um dos maiores antílopes conhecidos. Já foi comum em quase toda a África sub-sahariana mas actualmente é apenas abundante em algumas zonas. No entanto, por ocorrer em muitas zonas protegidas e apresentar uma grande capacidade de resistir à caça furtiva, mantendo populações relativamente estáveis, ainda não é considerada uma espécie em risco de extinção. Apesar disso, se a caça ilegal e a degradação ambiental persistirem, o declínio populacional poderá continuar, deixando a espécie vulnerável.

É uma espécie com preferência por áreas de miombo mata. Vive em manadas de cinco a quinze indivíduos, havendo sempre um macho dominante. Machos e fêmeas têm chifres sendo os dos machos de maiores dimensões. Dois machos podem disputar a liderança da manada, lutando de joelhos e usando os chifres.^{xxiv}

Elande

O elande (*Tragelaphus oryx*) é um antílope dos biomas de miombo mata das regiões este e sul de África. As populações de elande sofreram um declínio no final do século XX, relacionado com períodos de guerra civil nos países dentro da sua distribuição. Recentemente, empresas privadas investiram na introdução de elande, por ser uma espécie apreciada como troféu de

caça. Actualmente quase metade das populações de elande ocorre nestas zonas ou em áreas protegidas, verificando-se um aumento no número de indivíduos.

É uma espécie que se adapta facilmente a diferentes habitats mas encontra-se sobretudo em áreas abertas, evitando as florestas densas. Alimenta-se de ervas ou folhas, normalmente ao início e no final do dia, e percorre longas distâncias em busca de alimento. Estas migrações poderão deixar a espécie mais vulnerável à caça furtiva e à doença. O principal motivo para a caça é a sua carne, considerada de elevada qualidade.

O elande vive em manadas que podem chegar aos 500 indivíduos. Os grupos são mais estáveis durante o cio. Por vezes, juntam-se a grupos de outras espécies, como zebras-da-planície ou palanca-vermelha.^{xxv}

Zebra-da-planície

A zebra-da-planície (*Equus quagga*), também conhecida como zebra-de-burchell (*E. q. burchellii*), é um dos mais emblemáticos ungulados de África. Um outro grupo de zebras habita as montanhas do sul do continente africano, a zebra-da-montanha (*Equus zebra*). Dentro das zebras-da-planície observa-se alguma variação morfológica e genética, o que levou à identificação de seis sub-espécies, uma das quais já extinta, o quaga (*E. q. quagga*).

A característica mais distintiva das zebras são as riscas pretas e brancas que cobrem o seu corpo. Cada indivíduo exibe um padrão único de riscas, que terá evoluído como protecção contra picadas de insectos ou associado à capacidade de termorregulação.

As zebras-da-planície encontram-se em biomas de matas de miombo ou mopane, onde se alimentam essencialmente de ervas. Em alturas de escassez de alimento, podem empreender longas migrações em busca de recursos.

Devido à forte pressão da caça pela procura da sua pele e, em menor escala, pela carne, a zebra-da-planície é considerada uma espécie quase ameaçada. O declínio populacional das últimas décadas pode ter estabilizado, uma vez que a maior parte das populações de zebra-da-planície vive actualmente em áreas protegidas.^{xxvi}

Leão

O leão (*Panthera leo*) habita quase todos os países da África sub-sahariana mas a sua distribuição histórica incluía também o norte de África, Ásia e o oeste da Europa. A sua característica mais distintiva, e única entre os felídeos, é a juba nos machos. Esta terá evoluído por selecção sexual, observando-se uma preferência das fêmeas por machos com juba mais densas e escuras.

É uma espécie social, vivendo em grupos de quatro a seis adultos e respectivas crias, e um exímio caçador, alimentando-se de uma grande variedade de animais, de grandes herbívoros a pequenos roedores. A sua função no ecossistema é vital, pois tem um papel insubstituível na manutenção da estrutura da comunidade ecológica.

É uma das espécies mais populares entre os turistas que visitam África. As receitas provenientes deste turismo são uma importante fonte de financiamento para as comunidades locais e a conservação da vida selvagem. No entanto, observa-se uma redução em quase todas

as populações de leão. As principais ameaças à sua sobrevivência são a caça, devido a conflitos com humanos ou com gado, a procura de troféus, o uso de partes do corpo na medicina tradicional e a escassez de alimento.^{xxvii}

Crocodilo-do-nilo

O crocodilo-do-nilo (*Crocodylus niloticus*) tem uma vasta distribuição em toda a África subsahariana. É um predador de topo e alimenta-se de praticamente qualquer tipo de presa. A sua estratégia de caça é permanecer imóvel por longos períodos, atacando a presa apenas quando esta se encontra próximo.

Pode viver em água salgada mas encontra-se sobretudo em massas de água doce, onde passa quase todo o tempo. A imersão na água e a abertura da boca são dois comportamentos que ajudam na regulação da sua temperatura corporal.

O crocodilo-do-nilo é um réptil de grande tamanho, o segundo maior crocodilo do mundo, a seguir ao crocodilo-marinho (*C. porosus*), e o maior de África, podendo atingir os 5 metros. Vivem em grupos sociais e a hierarquia é determinada pelo tamanho dos indivíduos.

Durante o século XX esta espécie foi alvo de caça intensiva pela sua pele, considerada de elevada qualidade, e carne, à qual se atribuíam propriedades medicinais. Embora possa haver populações ameaçadas localmente, o crocodilo-do-nilo é actualmente classificado como pouco preocupante do ponto de vista da conservação. No entanto, mantêm-se restrições ao seu comércio e exploração.^{xxviii}

Pitão-sul-africana

A pitão-sul-africana (*Python natalensis*) é a maior cobra de África e uma das seis maiores cobras do mundo. Medem em média 3,5 metros mas podem chegar aos seis metros de comprimento. É uma espécie não-venenosa, matando as suas presas por constrição. Devido ao seu grande tamanho, pode alimentar-se de animais de grandes dimensões, como antílopes ou crocodilos.

Marabú

O Marabú, *Leptoptilos crumeniferus* (Lesson, 1831), é originário de África ocorrendo, normalmente em zonas húmidas ou secas, entre o deserto do Sahara e África do Sul. É uma grande ave pernalta da família das cegonhas, que pode atingir 1,5m de altura. Vive em grandes colónias durante a reprodução e alimenta-se, essencialmente, de carcaças de animais mortos, podendo alimentar-se de animais vivos (peixes, répteis e lagostas). A sua cabeça e pescoço são desprovidos de penas e possui uma bolsa avermelhada no pescoço, usada nos rituais de acasalamento. Podem viver até 25 anos na natureza e até 41 anos em cativeiro.

Porco-formigueiro

O porco-formigueiro, *Orycteropus afer* (Pallas, 1766), é um mamífero de aparência bastante peculiar. Parecido com um porco, daí o seu nome, mas com orelhas de lebre, unhas muito

fortes e cauda de canguru. Vivem em África e podem ocupar diferentes habitats, desde zonas áridas a floresta tropical. É um animal insectívoro, alimentando-se essencialmente de formigas e térmitas. São solitários apenas se juntam para acasalar. De hábitos nocturnos, escavam buracos e túneis que usam para protecção durante o dia e para a fêmea permanecer com as crias. Estas tocas, posteriormente, são usadas por outros animais.

Águia-gritadeira

A Águia-gritadeira, *Haliaeetus vocifer* (Daudin, 1800), como o seu nome indica, vocifer do latim vox, "voz", em alusão aos seus "gritos" agudos. Esta espécie alimenta-se, essencialmente de peixe, por isso, é comum em lagos, reservatórios e rios, e também pode ser encontrada perto da costa, nos estuários ou lagoas, em toda a África subsahariana. As fêmeas são, cerca de 10 a 15%, maiores e mais pesadas que os machos. Esta águia é a ave nacional do Zimbabwe e da Zâmbia.

Leopardo

O Leopardo, *Panthera pardus* (Linnaeus, 1758), é o menor do grupo dos 5 grandes felinos (tigre, leão, leopardo-das-neves, onça-pintada e leopardo). Devido à perda de habitat, diminuição das suas presas e mortes por humanos está com o estatuto de Vulnerável (VU) pela IUCN. Ocorrem em África e na Ásia, em variados habitats desde regiões desérticas e semi-áridas, montanhosas e de florestas. Os leopardos são ágeis a trepar árvores e descem-na coma cabeça para baixo. Estão confortáveis dentro de água, conseguindo nadar e correm a uma velocidade de 60Km/h e dão saltos de 6 metros em comprimento e 3 metros em altura. São solitários e carnívoros nocturnos, caçam, entre outros, pequenos antílopes, porcos e macacos, que normalmente levam para cima da copa das árvores para se alimentarem. Os machos são maiores que as fêmeas.

Hiena-riscada ou raiada

A hiena-riscada, *Hyaena hyaena* Linnaeus, 1758, é um carnívoro de tamanho médio e parte traseira inclinada. A sua pelagem possui riscas pretas na parte lateral do dorso. Vive em África em zonas abertas ou com arbustos espinhosos dispersos. São a espécie de hienas menos estudada. Sabe-se que são nocturnas, caçadoras solitárias e vivem em pequenos grupos de composição incerta. Quando coexistem com a hiena-malhada, esta domina a hiena-riscada. Para além de comerem carcaças, também se alimentam vertebrados, invertebrados, plantas herbáceas e matéria orgânica associada à actividade humana. Embora, raramente, também conseguem caçar animais de grande porte, incluindo gado. Os humanos são os maiores responsáveis pela morte destas hienas, estas possuem o estatuto de quase ameaçada (NT) segundo a IUCN.

Serpentário ou Secretário

O serpentário, *Sagittarius serpentarius* Miller, 1779, vive nas savanas e zonas abertas (com poucas árvores) de África. Podem ser encontrados em campos agrícolas, zonas abundantes em

alimentos. Os serpentários são predadores oportunistas e alimentam-se, maioritariamente de artrópodes (gafanhotos, escaravelhos, aranhas, escorpiões) e mamíferos (ratos, lebres, mangustos, ouriços-caixeiros), mas podem caçar pequenas aves, e répteis. São muito úteis no controlo de pragas agrícolas. São aves solitárias ou formam um casal monogâmico. Antigamente, as suas penas da cabeça eram usadas como canetas para escrever.

Caracal

O caracal, *Caracal caracal* (Schreber, 1776), é também conhecido por Lince da Pércia ou Lince africano, embora o caracal esteja mais próximo do gato dourado africano e do serval. O caracal é conhecido por dar saltos para o ar, conseguindo apanhar e matar aves a voar. São excelentes acrobatas e aterraram em segurança. Os cientistas já encontraram avestruzes mortas com marcas de dentes de caracal, o que quer dizer que eles são rápidos o suficiente para apanhar avestruzes e fortes, o bastante para as matar.

Coleções em meio líquido | Sala das Avestruzes

Após a saída do Hospital da Nossa Senhora da Conceição deste edifício, esta sala foi utilizada como biblioteca da Faculdade de Filosofia, até 1911, quando passou a ser Faculdade de Ciências. Após esta data foi ocupada pelo Museu e neste momento contém as coleções em meio líquido que foram constituídas, na sua maioria, no final do século XIX e meados do XX. Aqui podemos observar Répteis de todo o mundo e Anfíbios e Invertebrados, na sua maioria, de Portugal.

Avestruz

As Avestruzes, *Struthio camelus* Linnaeus, 1758, são as maiores aves que existem actualmente, podem atingir 2 metros de altura. Podem viver até aos 50 anos. Os seus ovos são enormes e equivalem a 22 ovos de galinha. Até meados do século XX ocorriam naturalmente, no sudoeste asiático, península arábica e África. Foram caçadas até à sua extinção em todas as regiões, excepto na África sub-sariana. Estas aves não voam mas correm em média a 65Km/h, podendo atingir o máximo de 80Km/h.

Sala de Portugal

A nossa biodiversidade

Dentro do ecossistema mediterrânico, considerado um dos "Hotspots" da Biodiversidade, a Península Ibérica possui inúmeras espécies endémicas, que contribui, em muito, para esta classificação.

Nesta sala podemos ver vários espécimes de vertebrados que existem, ou já existiram, na nossa fauna. A colecção das Aves de Portugal é constituída por mais de 1200 exemplares e é a maior colecção de vertebrados que existe no Museu e encontra-se em reserva nos armários superiores desta sala.

Javali

O javali, *Sus scrofa* Linnaeus, 1758, é um mamífero com uma distribuição alargada, existe em todos os continentes, com excepção da Antártida. Em Portugal esteve confinado a pequenos núcleos populacionais nos anos setenta, hoje em dia o javali é uma espécie comum por quase todo o território continental, sendo uma espécie silvestre de elevada importância ecológica e económica. São omnívoros, tal como os porcos domésticos, preferindo espécies vegetais, bolotas, castanhas e batatas.

Curiosamente, ao revolver o solo, promovem o seu arejamento e proporcionam o aparecimento de novas árvores e arbustos, com a sua busca de bolbos e outras partes vegetais enterradas. No entanto, nesse processo tem provocado prejuízos económicos elevados em diversas áreas, devido ao seu número elevado, aliado ao facto do javali invadir os campos de cultivo para se alimentar.

Abetarda | *Otis tarda* (Linnaeus, 1758)

Uma das espécies mais emblemáticas das planícies Alentejo, a abetarda é a mais pesada das aves europeias, os machos podem chegar aos 16Kg. É das mais difíceis de observar pois dificilmente tolera aproximações de pessoas a menos de um quilómetro, podendo ser ouvido, mais facilmente, o seu sinal de alerta, um som parecido com um arrote. Exemplar masculino | Portugal, Campo Maior | 1888

MCUC, ZOO.0002760



Cabra-do-Gerês | *Capra pyrenaica lusitanica* Schlegel, 1872

A cabra-do-Gerês, *Capra pyrenaica lusitanica* Schlegel, 1872, foi extinta em finais do séc. XIX. Estas cabras foram perseguidas de tal forma que acabaram por se extinguir. O último exemplar desta subespécie foi capturado pelo zoólogo Tude de Sousa a 20 de Setembro de 1890, na mata de Albergaria. Três dias depois foi levada para o Jardim Zoológico de Lisboa para ser estudada. As cabras que encontramos hoje no Gerês são cabras-montesas, mas não são da subespécie lusitana. Após o incêndio de 1978 no Museu Bocage, em Lisboa, os dois exemplares que existem neste Museu são únicos no Mundo.

Lince-ibérico

O Lince-ibérico é endêmico da Península Ibérica e é considerado o felino mais ameaçado do mundo. Em Portugal foi considerado extinto nos anos 80. Mas neste momento existe um programa de reprodução

Veados, Corços e Gamo

As armações dos veados e corços são aveludadas enquanto novas e percorridas por vasos sanguíneos. Têm um papel importante na altura do acasalamento, mas decorridos alguns meses desprendem-se da cabeça dos animais.

Gaio – *Garrulus glandarius* (Linnaeus, 1758)

O gaio é o elemento mais colorido da família dos corvos. Tal como o estorninho, consegue imitar sons de várias aves. É omnívoro e vive em bosques e florestas. No Outono armazena bolotas, escondendo-as no solo, debaixo de folhas e musgos, para se alimentar durante o Inverno. Este hábito torna-o importante para a manutenção das florestas, pois muitas das bolotas são esquecidas e conseguem germinar dando origem a uma nova árvore. Exemplar feminino | Coimbra | 1880 | Comprado

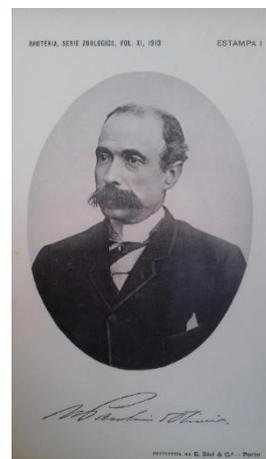
MCUC, ZOO.0000122



Foto: José Meneses, 2012

Manuel Paulino de Oliveira (1837-1899)

Director do museu desde 1889 a 1898 e professor na faculdade de Filosofia. Era um distinto naturalista e colector infatigável, que percorreu todas as províncias de Portugal. Enriqueceu o museu com inúmeros exemplares de variados grupos: Vertebrados (Répteis, Aves, Mamíferos) e Invertebrados. Foi na área da Entomologia que mais se notabilizou. Podemos observar em todas as salas da Galeria de História Natural exemplares recolhidos ou oferecidos por ele.^{xxix}



-
- ⁱ BRIGOLA, Joao Carlos Pires - **Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII**. Lisboa: Fundacao Calouste Gulbenkian [etc.], 2003.
- ⁱⁱ Ceriaco, Luis Miguel Pires; Brigola, João Carlos Pires; Oliveira, Paulo de. Os monstros de Vandelli e o percurso das coleções de História Natural do século XVIII In História da Ciência Luso-Brasileira: Coimbra entre Portugal e o Brasil, ed. Fiolhais, Carlos; Simões, Carlota; Martins, Décio R., 251 - 266. ISBN: 978-989-26-0562-3. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- ⁱⁱⁱ https://en.wikipedia.org/wiki/Jules_Verreux
- ^{iv} Gandra, Manuel J. A.A. CARVALHO MONTEIRO: IMAGINÁRIO E LEGADO. Edição: Instituto Mukharajj Brasilan & Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica-Cesdies 1ª Edição Luso-Brasileira. 2014
- ^v Pereira, Márcio Mota. AS LUZES SE ACENDEM EM ÁFRICA: VIAGENS FILOSÓFICAS DE UM NATURALISTA LUSO-BRASILEIRO EM ANGOLA 1783-1808. (Dossiê: As fontes para a História da África) v. 8, n. 2 (2015).
- ^{vi} UNIVERSIDADE DE COIMBRA (UC). 1889-1911. (F); Atas das Congregações da Faculdade de Filosofia (SR); vol. 8 (1889-1911), fl. 84-84v; cota AUC-IV1.ªD-3-1-74.
- ^{vii} **Pedro Casaleiro**
- ^{viii} https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20agosto%20nobre
- ^{ix} **Pedro Casaleiro**
- ^x Froese, R. and D. Pauly. Editors. (2018). FishBase. Mitsukurina owstoni Jordan, 1898. Accessed through: World Register of Marine Species at: <http://marinespecies.org/aphia.php?p=taxdetails&id=105842> on 2018-03-15
- ^{xi} **Pedro Casaleiro**
- ^{xii} <http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/nascimento-do-rei-d-carlos-i/>
- ^{xiii} **Pedro Casaleiro**
- ^{xiv} **Pedro Casaleiro**
- ^{xv} <http://www.goltzcarvalho.com/>
- ^{xvi} **Pedro Casaleiro**
- ^{xvii} **Pedro Casaleiro**
- ^{xviii} <http://reptile-database.reptarium.cz/species?genus=Chelonia&species=mydas>
- ^{xix} **Pedro Casaleiro**
- ^{xx} **Pedro Casaleiro**
- ^{xxi} Rita Campos
- ^{xxii} Rita Campos
- ^{xxiii} Rita Campos
- ^{xxiv} Rita Campos
- ^{xxv} Rita Campos
- ^{xxvi} Rita Campos
- ^{xxvii} Rita Campos
- ^{xxviii} Rita Campos
- ^{xxix} Tavares, J. da S. S. J. 1907. Os Naturalistas Portugueses - Dr. Manoel Paulino de Oliveira. “I secção - Histórias das Sciencias Naturaes em Portugal”, *Brotéria - Vulgarização Científica*, VI:141-154.